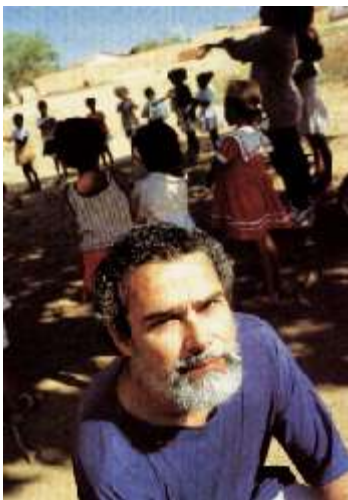


Uma História e Muitas Vidas

Tião Rocha¹



– *Eu sou sobrinho de uma rainha.*
– Verdade, podem acreditar! Aliás, este era um dos meus maiores orgulhos quando criança: ter uma tia rainha, de carne e osso. Tia Gorda era o seu apelido.

Aos 7 anos de idade, entrei pela primeira vez em uma escola (Grupo Escolar Sandoval de Azevedo) em Belo Horizonte. No primeiro dia de aula, uma professora muito gentil, chamada Maria Luiz Travassos, levou-nos para a biblioteca para nos apresentar o mundo das letras. Abriu o livro “*As mais belas histórias*” (de Lúcia Casasanta) e começou a ler, pausadamente:



– *"Era uma vez um lugar muito distante, onde moravam um rei e uma rainha..."* Eu, já me encantando com o que ouvia, imediatamente a interrompi e falei:

– *Professora, eu tenho uma tia que é rainha!* Ao que ela me respondeu, calmamente:

– *Está bem, fique quietinho e escute. Isto é uma história da carochinha, um conto de fadas. Não existem esses reis e rainhas.*

E continuou sua leitura. Porém, todas as vezes que ela mencionava o rei ou a rainha, eu comentava e a interrompia:

– *...eu tenho uma tia que é rainha, de verdade!* Após a minha quinta tentativa de intervenção, a professora me mandou um “*cala a boca*”. Ao final do meu primeiro dia de aula, fui encaminhado à sala da diretora, Dona Ondina Aparecida Nobre.

– *Vai querer sair da escola logo no primeiro dia. Volta pra sala e preste atenção na aula, senão chamo sua mãe e mando ela te levar pra outra escola*”, foram suas palavras. Nunca mais, durante todo o curso primário, falei sobre este assunto. Talvez ele não fosse mesmo importante.

Quando fui para o ginásio, para o meu azar, a minha primeira aula foi de História do Brasil.

– *Vamos iniciar nosso curso estudando o descobrimento do Brasil...Os reis portugueses...*, iniciou assim o Professor José Ramos, para explicar as conquistas ibéricas. E eu, mais uma vez, inocentemente disse interrompendo:

– *Professor, eu tive uma tia que foi rainha...* Ao que ele, prontamente me retrucou:

¹ Tião Rocha, 52 anos, mineiro, é antropólogo (por formação acadêmica), educador popular (por opção política) e folclorista (por necessidade). Fundador e presidente do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento – CPCD, organização não governamental sem fins lucrativos, fundada em 1984, em Belo Horizonte/MG

– Pronto, primeiro dia de aula e já tem um engraçadinho aqui...Cala essa boca, deixa de bobagem e presta atenção na aula. Estou falando de reis e rainhas, pessoas importantes; aqui no Brasil nunca teve isso. Você não pode ser de família real, olha seu nome, olha a sua cor...Fui, mais uma (e pela última vez) motivo de gozação por parte dos colegas.

Comecei a pensar que eu talvez tivesse sido enganado por minha família. Ou não poderia ser descendente de rainha nenhuma, ou aquilo não tinha a mínima importância para ninguém. Nunca mais tive coragem de falar sobre isto.

Ao final do segundo grau, fui morar em Ouro Preto e, um dia, lendo *Ao Deus Desconhecido*, de John Steinbeck, sentado nos fundos da Igreja de São José, comecei a observar a construção e pensar sobre as muitas paredes e muros de pedras que estavam à minha volta.

– *Foram feitos por quem? por que? como? quando?* Descobri naquele instante que não podia responder a estas e tantas outras questões, simplesmente porque não conhecia a história dessa gente...não conhecia a minha história.

– *E essa gente não seria a mesma da qual eu me originara?* Foi naqueles dias que resolvi cursar História. Voltei para Belo Horizonte e entrei para a Universidade. Durante 4 anos estudei a vida e a trajetória de reis, rainhas e personagens importantes de tudo quanto foi lado. Mas, mais uma vez, só me apresentaram a história oficial ou oficializada. Nunca tive uma aula sequer sobre a minha tia.

– *Onde poderia eu estudar as minhas origens?* Foi então que resolvi partir para a Antropologia. Quem sabe ali encontraria minhas respostas. Devorei livros e bibliotecas, garimpei cidades e campos. Conheci todo tipo de gente, nos livros, nas ruas e nas roças. Virei um andarilho atrás dos filões de minha cultura. A Academia me titulou Antropólogo, especialista em Cultura Popular e Folclore. E, quanto mais aprofundava meus estudos, mais acreditava que, em algum momento, poderia responder às minhas muitas e múltiplas questões e encontrar o caminho das pedras e das minhas heranças familiares e comunitárias.

Aí veio o meu conflito com a Academia, neste momento a Universidade Federal de Ouro Preto onde trabalhava. “Ela” queria que eu fosse professor. E “eu” teimava em ser educador. Não se tratava de um jogo de palavras. Queria participar de uma universidade que se dispusesse a prender e não apenas ensinar.

Hoje, depois de mais meio século de existência, creio que consegui desvendar grande parte destas incógnitas. A minha caminhada, como era de se esperar, levou-me para os lados da Educação. A universidade e a sociedade queriam que eu fosse professor. Fui e, sem modéstia, competente, tanto de 1º, 2º e 3º graus. Mas isso não me bastava. Eu queria ir mais fundo. Queria ser educador. E queria fazer da nossa cultura a matéria prima do meu trabalho.

Para me facilitar esta empreitada me demiti da Universidade, juntei um grupo de amigos e fundamos em janeiro de 1984 o *Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento*. O CPCD está a caminho de seus 20 anos e hoje dá abrigo institucional para uma série de sonhos e anseios, acolhe amigos de estrada e andarilhos que nem eu, parceiros de teimosia e utopias, companheiros de empreitadas no campo da educação de qualidade e do desenvolvimento sustentado, a partir da cultura.

Iniciados em Curvelo, cidade situada no centro de Minas, os projetos do CPCD se espalharam por outras regiões do Estado (Vale do São Francisco, Vale do Jequitinhonha, Vale do Rio Doce e Alto São Francisco) e foram disseminados para outros estados (Espírito Santo, Bahia, Maranhão, Pará e Amapá) e países (Moçambique e Guiné Bissau).

Já ia me esquecendo! Minha tia Gorda foi *Rainha Perpétua do Congado*. E todos os anos - de agosto a outubro - ela, devidamente trajada com manto, coroa e cetro reais, era homenageada com

danças e embaixadas por ternos de Moçambiques, Congos, Marujos, Vilões, Catopês e Caboclinhos. E saía em alegres cortejos pelas ruas protegida por um pálio, acompanhando as guardas cantando e louvando Nossa Senhora do Rosário, santa branca, padroeira e patrona das irmandades negras e católicas que construíram estas Minas Gerais.

Eu tinha orgulho de tê-la como tia - e como rainha - mas, infelizmente, nunca pude mencioná-la ou estudá-la na escola. Pena, pois mereceria, junto com muitos outros e outras, um capítulo especial na construção da história do povo brasileiro.

Quem sabe, algum dia, tenhamos em cada biblioteca de cada escola deste país, uma estante especial, abarrotada de livros, textos e publicações dedicados à vida, aos saberes, aos fazeres e aos querereres das pessoas da comunidade onde esta escola existe e funciona.

Hoje, tento colocar o que aprendi e descobri a serviço de crianças e adolescentes, para que estes não percam, prematuramente, sua realeza e dinastia, sua auto-estima e sua história. E também estou a serviço dos adultos ou que já as perderam ou as deixaram em algum canto da vida.

Nossa missão no CPCD é fazer com que estas crianças e estes adultos possam não só se reapropriar de seus saberes e fazeres, mas fazer de sua cultura e identidade, instrumentos de seu desenvolvimento e a matéria-prima de sua cidadania.

Bem, destino ou não, acredito que essa trajetória pessoal foi determinante para me conduzir para o que faço hoje. Tornei-me educador porque acredito que esta é a única maneira de devolver - sob forma de práticas educativas inovadoras e desafiadoras - por todos os privilégios, oportunidades e possibilidades que tive e vivi, ao povo do qual, privilegiadamente, faço parte.

Esta é apenas mais uma história repleta de muitas vidas.